



Em nome do dr. Marco Domingues, presidente da Animar, e de mim próprio, quero agradecer este convite e reconhecer à ADRAT, particularmente ao António Montalvão, o trabalho persistente e de qualidade que tem feito em prol da região.

A Animar é uma rede de organizações para fortalecer o Desenvolvimento Local.

Valoriza, promove e tenta reforçar o Desenvolvimento Local, mas também a cidadania ativa, as igualdades e a coesão social enquanto pilares de uma sociedade justa, equitativa, solidária e sustentável.

Somos uma organização de pontes para a convergência e concertação das organizações e da sociedade civil e dos cidadãos, no reforço do interesse comum junto do Estado.

Estamos presentes em vários órgãos de concertação e agora na Confederação Portuguesa de Economia Social.

E estivemos aqui hoje a falar do futuro da Europa. E vimos que o futuro se constrói assim, conhecendo os mecanismos, os programas, apresentando candidaturas, discutindo políticas, fazendo propostas e promovendo a participação. E tivemos aqui temas e intervenções muito importantes. Uma coisa boa porque achamos desde logo que a Europa tem futuro.

Mas há combates políticos globais, de grandes interesses e complexos, que dificultam o presente e deixam-nos o futuro incerto.

E aí o futuro é a união!

E deixem-me começar por aqui.

A União Europeia está em crise, é um facto. Há problemas reais e outros inventados e todos são aproveitados para os inimigos do espírito da Europa criticarem e tentarem dividir e destruir.

Mas com que direito se criticam as bases de uma realidade política que garantiu aos povos da Europa 70 anos inéditos de paz?

Esta União não está bem, mas transformou países atrasados como Portugal e muitos do leste europeu, contribuindo para o seu desenvolvimento, não apenas económico, mas social e cultural, que a crise, apesar de tudo, não apagou.

E foi esta união que tornou a Europa mais forte e respeitada no mundo e que fez do nosso país também, quer queiramos quer não, um parceiro com os mesmos direitos e deveres dos restantes membros.

E o futuro da Europa continua a ser, portanto, a união. Podia ter sido a federação, e alguns que combateram essa evolução acham hoje que foi um erro, porque se tornou tudo mais complexo e difícil porque o conceito divisionista que agora exploram com mais força, do estado nação, dotado de poder absoluto, exclusivo e excludente, que não reconhece os valores da união, agita



papões convenientes para dividir os povos, e isso é um retrocesso e pode ser sangrento como foi no passado.

A onda de populismo com exploração de sentimentos de inveja e da política do medo, atinge níveis de agressividade e ódio nalguns países, (felizmente em Portugal não) que a democracia e a liberdade não podem tolerar.

E neste panorama de crise o futuro obriga a defender a democracia contra aqueles que se aproveitam dela para destruir os valores da solidariedade, da coesão, da paz e da prosperidade para todos.

E para o futuro da Europa estes valores tem de ter expressão entre Bruxelas e Lisboa, mas também entre Lisboa e as regiões (e o Alto Tâmega).

As questões locais tem uma solução local, mas dependeram e dependem hoje mais ainda de políticas globais.

Um tecido social deprimido ao longo de dezenas de anos não consegue regenerar-se com a intervenção local, ainda que seja boa ou muito boa.

O mundo precisa de conciliar o capitalismo com o Estado Social para reinventar a harmonia social das grandes metrópoles. E as regiões pobres precisam de uma intervenção largamente excepcional para parar a tendência de perda de pessoas e da perda de rendimento.

Se a globalização trouxe coisas boas, e achamos que trouxe porque tirou da pobreza muita gente em todo o mundo, também permitiu concentração vergonhosa de riqueza: 1% da população detém 50% da riqueza global!

É este o problema.

Como é um problema a região Norte ser uma das mais pobres da Europa, e Trás-os-Montes ainda mais dentro do Norte.

E podemos atribuir culpas a várias políticas nacionais, regionais e locais, pelo estado a que chegamos. Mas a principal responsabilidade é do velho e do novo capitalismo que, no meio de muita coisa boa que conseguiu, nos colocou de forma marginal no progresso e no desenvolvimento.

E o capitalismo de hoje, da inteligência artificial e da robotização, pode fazer milagres, mas, se continuar tão desregulado, vai fazer mais desgraças.

Não somos contra os robôs, mas contra as suas consequências.

A inovação e o progresso tem de servir a coesão porque, para nós, as pessoas estão sempre em primeiríssimo lugar.

Recentes estudos da OCDE alertam que a mudança tecnológica que aí vem, se não forem tomadas medidas, vai agravar os problemas das regiões já martirizadas pelo desemprego e pela desertificação.



Por isso o futuro da Europa, e do mundo, é a liberdade, a democracia, e o reforço do Estado Social porque é a única forma de uma parte da população, que vai ser cada vez maior, não seja excluída.

Se continuarem a dizer aos jovens, com a mesma frieza e arrogância de alguns, que tem de “fazer pela vida”, a deixar os desempregados ao destino, e assistir passivamente à concentração de tanta riqueza em tão poucos, não vamos ter poucos problemas...

Podem mandar-nos fazer batatas e pastéis, modernizar e trabalhar em casa no digital, dizer que há apoios para o investimento e prometer descentralização, que isso é pouquinho. Nós por cá vamos acabando, mas os problemas vão agravar-se na sociedade.

E esperar para reagir em vez de agir pode levar à rotura social.

Os dirigentes europeus e nacionais conhecem bem os efeitos da “bomba relógio” do desemprego e da nova pobreza que aí está. Entendem bem isto e sentem o problema, mas as opiniões públicas, manipuladas e enganadas, olham para os valores e para os direitos conforme as conveniências imediatas.

Por isso o futuro da Europa é, evidentemente, ser mais inteligente, mais verde, mais interligada. Mas é salvar a democracia para salvar os valores, promovendo a coesão.

E começar pelo interior, pelas regiões de baixa densidade, pelas regiões com metade do poder de compra de Lisboa, era um bom sinal para o país e para a Europa.

Com os impostos do digital, por exemplo:

- Baixem o IRS 50% que as pessoas vem para cá;
- Baixem o IRC 50% que as empresas locais ganham outro alento e outras viriam;
- Reduzam a TSU 50% que tudo emprega mais gente;

Faça-se isto e teremos um choque positivo, imediato e contínuo na economia e na sociedade, ou então continuaremos a andar por aí, cada um a exhibir as suas medalhas de cortiça, enquanto tudo regride e a morte social se generaliza.

E a Europa a degradar-se.

Até lá, muita ambição porque há que defender a diversidade territorial, a capacitação, a inovação social e ambiental. E é também nossa obrigação afirmar a auto estima, promover trabalho de proximidade, exprimir sempre esperança e confiança nos valores que defendemos e não perder o reforço da visão de região e, claro, a coesão e a solidariedade dos atores políticos e sociais regionais.

Muito obrigado.

Adrat, 20 de setembro de 2018

Fernando Rodrigues